

Ecoteorias, ecotradução e (re)descoberta dos relatos de viagem na e sobre a Amazônia

Marie-Hélène Torres
Universidade Federal de Santa Catarina, Brazil

Abstract The end of the twentieth century and the beginning of the twenty-first century brought awareness of ‘new’ threats, a ‘new’ normal, such as ecological disasters, species extinction, and pandemic infectious diseases. This context has impacted environmental thinking, and literature has not been exempted from these global inquiries and movements. I intend, first and foremost, to outline a theoretical overview of the main expressions and publications of what I refer to as ecoteories in Translation Studies originating from ‘peripheral’ countries. Secondly, I will show how Brazil is undergoing an ecological shift, particularly through ecotranslation. Finally, I will address, based on internationalization projects of Brazilian universities, the recent interest and need to translate travel narratives about and in the Amazon, written in foreign languages by travelers and mostly not translated into Portuguese.

Keywords Literature and nature. Ecotranslation. Ecoteories. Translating Amazonia.

Sommario 1 Introdução. – 2 As ecoteorias nos Estudos da Tradução vem da periferia. – 3 Virada eco no Brasil. – Ecotradução. – Retrospectiva: publicações iniciais e grupos de pesquisa. – Publicações recentes no Brasil. – Gemma Ferruggia, uma italiana na Amazônia no início do século XX. – Alexandrine Langlet-Dufresnoy, a primeira mulher a ter descido o Rio Arinos no início do século XVIII. – 5 Algumas considerações.



Peer review

Submitted 2023-06-22
Accepted 2023-10-06
Published 2023-12-20

Open access

© 2023 Torres |  4.0



Citation Torres, M.H. (2023). "Ecoteorias, ecotradução e (re)descoberta dos relatos de viagem na e sobre a Amazônia". *Rassegna iberistica*, 120, 217-234.

1 Introdução

O pensamento ocidental tem frequentemente mantido uma atitude mais ou menos utilitária em relação à natureza, ou seja, que a natureza serve as necessidades humanas. Entretanto, após o século XVIII, surgiram muitas vozes que revalorizaram a relação entre o homem e o meio ambiente, o olhar do homem sobre a natureza, e apresentaram uma visão simbiótica e holística do mundo em vez de uma visão antropocêntrica. O final do século XX e início do século XXI despertaram para novas ameaças: os desastres ecológicos como por exemplo o esgotamento de recursos naturais, a proliferação de tecnologias exploradoras, a conquista de espaço preliminar para utilizá-lo como lixo, a poluição, a extinção de espécies e as doenças infecciosas pandêmicas como a AIDS (desde 1981) e a COVID-19 (desde 2020). Este contexto tem afetado o pensamento sobre o meio ambiente, e a literatura não ficou fora desses questionamentos e movimentos mundiais. Literatura e natureza sempre estiveram ligadas, mostrando que homem e natureza fazem parte do mesmo sistema, ou, melhor, do mesmo ecossistema.

Na taxinomia dos gêneros, a *ecoficção*, no sentido dado por Chelebourg (2012) a este termo, mas sem o lado ‘catastrófico’ da coisa, fez seu aparecimento nos estudos literários há dez anos. A literatura verde, a ecoliteratura e seus ecotemas revelam a natureza, o meio ambiente, a Terra, como temáticas, personagens ou figura do discurso narrativo e mostram, de certa forma, as relações da natureza e do homem, através de um olhar crítico sobre a forma e o trabalho de escrita, isto é, sobre o que representa a essência da literatura. É o caso da literatura de viagem do século XVI até o início do século XX, escrita em línguas estrangeiras, que, num apagamento da história e da história da literatura, quase nunca foi traduzida para o português do Brasil.

Este artigo pretende, portanto, contribuir à elaboração de uma História da Tradução no Brasil, verificando, sob o prisma da *ecotradução*, em que medida as não-traduições dos relatos de viagem na e sobre a Amazônia silenciou e apagou conhecimentos sobre parte da História colonial no Brasil, e principalmente na Amazônia, e afetou e/ou transformou o cânone da literatura no Brasil.

2 As ecoteorias nos Estudos da Tradução vem da periferia

Conforme minhas recentes pesquisas sobre o impacto das ecoteorias nos Estudos da Tradução no mundo, posso dizer que estas são principalmente oriundas de países ‘periféricos’, no sentido de deslocamento do eixo do Meridiano de Greenwich (França-Inglaterra-Estados Unidos) apontado por Casanova, como a China (Hu Gengshen), o

Québec (Blanc), a Romênia (Constantinescu), a Irlanda (Cronin) ou ainda a Finlândia (Vihelmaa). As ecoteorias nos Estudos da Tradução apareceram mais tardiamente em relação à ecocrítica ou à eco-poética, até porque a tradução se consolidou como disciplina a nível mundial mais recentemente, apesar dos descritivistas já terem teorizado o campo dos Estudos da Tradução nos anos 1970.¹

Após a virada cultural dos estudos de tradução que foi inicialmente apresentada por Bassnett e Lefevere, «The Cultural Turn», em 1990, conferindo um papel central à cultura na tradução, ao contexto social, à influência que a tradição cultural impôs à tradução, à subjetividade dos tradutores e às pesquisas sobre a literariedade dos textos traduzidos e após a virada institucional dos Estudos da Tradução, principalmente no Brasil onde nasceram no circuito acadêmico (Torres 2015, 112), ao refletir novamente sobre a teoria e a crítica contemporâneas dos Estudos da Tradução, Bassnett afirmou recentemente que estão tomando um novo rumo, «The Outward Turn in Translation Studies» como diz o título do artigo de Bassnett e Johnston (2019, 181), uma virada voltada para fora, em direção ao outro. Elas acrescentam que

an Outward Turn entails must be the recognition of the need for an increasing plurality of voices from across the globe. (182)

(essa virada para o exterior implica o reconhecimento da necessidade de uma pluralidade crescente de vozes no mundo todo.)

É o que Cronin (2017) chama de conectividade dentro e entre comunidades, propondo uma ecologia política da tradução que vê os idiomas em conexão, e não de forma isolada:

A political ecology of translation views languages in their connect- edness not in their isolation. (152)

(Uma ecologia política da tradução vê os idiomas em sua conexão e não em seu isolamento.)

É somente através da tradução que podemos nos tornar mais conscientes e assumir responsabilidade em relação ao nosso próprio ambiente, afirmando nosso direito à diversidade, sempre reconhecendo a importância fundamental da comunicação entre as pessoas.

Uma das teorias que está se sobressaindo com abordagem inovadora no início do século XXI é a teoria chinesa da *eco-translatology* (ecotranslatologia), criada em resposta à eurocentralização dos Estudos Descritivos da Tradução (Gengshen 2003; 2020).

¹ Holmes 1972; Even Zohar 1978; Toury 1980; 2012; Lambert 1985; 2011.

A ecotranslatologia é um novo paradigma que aborda a tradução de um ponto de vista ecológico. Baseada nas antigas noções chinesa sobre a harmonia entre os seres humanos e o seu ambiente, a ecotranslatologia faz uma analogia metafóricas entre os sistemas naturais e os sistemas tradutológicos. Em Macau, na China, a teoria da *eco-translatology* se baseia na hipótese de que o processo tradutório seria determinado por mecanismos comparáveis aos que regem a ecologia natural. Hu Gengshen (2020) parte do postulado da existência de um ecoambiente tradutório, a saber, o sistema que compreende, além do texto traduzido, seu contexto social e linguístico-cultural, ou seja, os agentes e fatores envolvidos nos processos de tradução. Segundo o professor Paolo Magagnin, do Departamento de Estudos Asiáticos e Mediterrâneos Africanos da Universidade Ca' Foscari Veneza, na Itália, que lê e escreve em mandarim, o eco-meio-ambiente tradutório apresentado por Hu Gengshen funciona a partir da interação 'biológica' entre os organismos que o constituem, neste caso o autor do original, os clientes, os leitores e o tradutor (2020, 10). Neste ecossistema, a teoria da ecotranslatologia pretende contribuir para a construção da civilização ecológica ao colocar o tradutor num papel proativo e central de agente de transformação.

Por outro lado, no Québec, para Charles Blanc, professor à l'Université d'Ottawa, germanista e tradutor, na sua *Histoire naturelle de la traduction* (História natural da tradução) (2019) a tradução como leitura, como pensamento, é inicialmente uma viagem. Blanc recorre a cinco contos, histórias ou romances de formação da literatura europeia para explorar a história das representações metafóricas da tradução através de seus leitores, a figura do leitor estando no centro da tradução e a história como fio condutor da análise de tradução, ou seja, *O Retrato de Dorian Gray* por Oscar Wilde, «A Rainha da Neve» por Andersen, *O Aprendiz de feiticheiro* de Goethe, «Barba Azul» de Perrault e «João e Maria» dos irmãos Grimm são usados para descrever cinco características principais da tradução bem como cinco etapas na arte da tradução, da Antiguidade ao Romantismo. Blanc questiona: o que é tradução? Para ele, a tradução é sua história, a história da tradução.

Na Romênia, a revista acadêmica *Atelier de Traduction*, publicada pela editora-chefe Muguras Constantinescu, especialista em tradução literária, dedicou o número 33-4, «Écologie et traduction, écologie de la traduction» (Ecologia e tradução, ecologia da tradução), e o número 35-6, «La littérature verte pour la jeunesse au prisme de la traduction» (A literatura verde para os jovens através da lente da tradução), respectivamente de 2020 e 2021, às novas formas de habitar o mundo, às novas interações entre o homem e seu meio ambiente.

Outras sugestões interessantes também poderiam vir dos estudos literários e, em particular, da corrente da ecotradução vinda da

Irlanda. Em um livro relativamente recente, *Eco-Translation* (2017), e no verbete «Translation and Climate Change» que Cronin escreveu para *The Routledge Handbook of Translation and Globalization* em 2021, o autor usa o termo ‘eco-translation’ ao se referir a

all forms of translation thinking and practice that knowingly engage with the challenges of human-induced environmental change. (2017, 2)

(todas as formas de pensamento e prática de tradução que se relacionam conscientemente com os desafios da mudança ambiental induzida pelo homem.)

As questões éticas sobre a relação entre o homem e a natureza têm ocupado até agora pouco os tradutores, enquanto as abordagens da ecocrítica estão se tornando mais difundidas em outras disciplinas das ciências humanas e sociais. Michael Cronin argumenta a favor do desenvolvimento de uma perspectiva terracêntrica nos estudos de tradução. Segundo Cronin (2021, 87), a abordagem terracêntrica (centrada na Terra) avalia a tradução do ponto de vista da sustentabilidade e da confiança e tem como objetivo desenvolver uma prática de tradução que possa facilitar a transição para uma sociedade pós-carbono e identificar áreas na tradução onde uma narrativa de tradução terracêntrica é urgentemente necessária.

Além de Michael Cronin, outros estudiosos reconhecem, todavia, que a atividade de tradução também tem um impacto no meio ambiente. É o caso, na Finlândia, de Ella Vihelmaa (2009; 2015; 2021) que trabalha com questões ambientais como tradutora, conselheira, guia, pesquisadora, e que procura estabelecer os limites da responsabilidade ética do tradutor. Ao contrário Michael Cronin baseia-se na ideia de esfera mais ambiental, questionando o antropocentrismo da teoria da tradução e descrevendo o estado alarmante do planeta onde falamos e traduzimos.

Segundo Chesterman (2018, 19), o trabalho de Ella Vihelmaa sobre a tradução do canto dos pássaros, ou seja, sobre como o canto dos pássaros é descrito em linguagem. Vihelmaa quer estender a noção de tradução ainda mais longe do que o conceito de Jakobson de inter-semiótica, para incluir também a tradução interespecíes. Vihelmaa (2015; 2021) tenta demonstrar como os Estudos da Tradução podem auxiliar a uma compreensão mais profunda das respostas humanas ao canto dos pássaros, e ao ambiente natural em geral. E, até agora, pelo menos por enquanto, não foi proposto nenhum novo termo para esta *tradução au sens large*.

3 Virada eco no Brasil

Ecotradução

No Brasil, a virada *eco* parece bem mais recente, particularmente neste início de terceiro milênio e a partir do período da pandemia.

O conceito de *ecotradução*, termo que usei pela primeira vez em português num artigo publicado na revista acadêmica *Cadernos de Tradução* «Traduzindo a Amazônia 1» (Torres 2021, 174), criado a partir do inglês *ecotranslation* e do francês *éco-traduction*, se aplica à literatura traduzida. A ecotradução faz referência a todas as formas de pensamento e prática de tradução que se envolvem conscientemente nos desafios da mudança do meio ambiente induzida pelo homem (Cronin 2017). Ainda à luz da ecoliteratura, a ecotradução, concerne aos textos (literários no que me ocupa) que trazem de uma forma ou de outra a natureza como tema, personagem, reflexão. A ecotradução apreende a tradução da relação entre a natureza e a literatura em diversos contextos culturais e examina em que medida a literatura, no seu sentido amplo (poesia, prosa, crônicas, literatura de viagem, biografias, entrevistas, escritas do eu – autobiografias, diários, correspondências, memórias-), deram um lugar essencial à natureza e às relações antrópicas com o meio ambiente. Por exemplo, sendo a noção de exploração e descobrimento do ambiente natural a temática principal de relatos de viagem em geral, e do relato de viagem na Amazônia em particular, o tradutor pode traduzir de modo a colocar a Floresta Amazônica como foco narrativo central e valorizar certa ética em relação à preservação na narrativa histórica das relações orgânicas entre humano e natureza.

Retrospectiva: publicações iniciais e grupos de pesquisa

Essa virada *eco* se faz cada vez mais presente no Brasil nas publicações e nos eventos de forma virtual que se intensificaram com a pandemia. No entanto, já havia publicações e grupos pesquisando sobre a questão da natureza na literatura na última década na Universidade Federal da Paraíba (Bora; Braga) e na Universidade Federal do Paraná (Geco).

A partir do início da pandemia, em março de 2020, algumas publicações marcam ainda mais a virada *eco*. Teve o artigo «Ecoliteratura brasileira no século XIX?» onde seu autor, Guilherme José Purvin de Figueiredo, advogado e professor na PUC-Rio, lamenta a inexistência de uma consciência ecológica na literatura brasileira do século XIX (Purvin 2020). No ano seguinte, em 2021, houve várias publicações e eventos dedicados às ecoteorias da área de Letras em geral e da tradução em específico, o que é, no Brasil, uma novidade. Duas

revistas de renome chamaram a atenção em 2021, ultrapassando as fronteiras da questão ambientalista.

A primeira é revista *Alea* da Universidade Federal do Rio de Janeiro publicou em 2021 o dossiê «Habitar a terra: poesia e latino-americanidade», organizado pelas professoras Celia Pedrosa da Universidade Federal Fluminense, Luciana di Leone da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Claudia Dias Sampaio da Universidade Nacional Autónoma do México, onde repensam-se as relações entre natureza e cultura.

A outra revista de renome na área dos Estudos da Tradução é a revista *Cadernos de Tradução*, que publicou também em 2021 um número especial intitulado «Traduzindo a Amazônia 1» organizado pelas professoras Andreia Guerini, Marie Helene Catherine Torres e José Guilherme Fernandez a partir de resultados obtidos no Projeto Acadêmico (PROCAD AMAZÔNIA/CAPES) entre as Universidades Federal do Pará, Estadual do Amazonas e Federal de Santa Catarina.

Portanto, o primeiro número especial dedicado à tradução da Amazônia, já tendo o segundo número especial previsto para novembro de 2022, faz eco a grandes eventos internacionais como IATIS de 2021 (International Association for Translation and Intercultural Studies), sediado na Universitat Pompeu Fabra em Barcelona, cuja temática foi «The Cultural Ecology of Translation» (a ecologia cultural da tradução). Esta conferência concentrou as intervenções nos aspectos sociopolíticos, literários, éticos, teóricos e questões metodológicas em torno do tema da ecologia da tradução.

O congresso nacional da Associação de Literatura Comparada do Brasil, a Abralic, também apresentou, em setembro de 2021, simpósios sobre questões ecológicas e ecotemas como as relações homem/natureza. Por exemplo, o simpósio de «Ecocrítica comparada, decolonialidade e literatura: olhares sobre a natureza no antropoceno» que foi organizado pelos professores Klaus Friedrich Wilhelm Eggensperger da Universidade Federal do Paraná, Márcio Matiassi Cantarin da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, e Rita Barbosa de Oliveira da Universidade Federal do Amazonas, se constituiu como um fórum de discussões sobre textos literários e obras de outros campos semióticos (cinema, artes plásticas, performances, produções em vídeo ou graphic novel) e apresentou questões ecológicas tematizando sobre a profunda crise nas relações humano/natureza.

Outro exemplo foi a apresentação e discussões, ainda na Abralic, do simpósio «Literatura traduzida na e sobre a Amazônia» organizado pelos professores da Universidade Federal do Pará Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento e Joaquim Martins Cancela Junior e a professora da Universidade Federal de Santa Catarina Marie Helene Catherine Torres. No simpósio, a literatura na e sobre a Amazônia foi apreendida a partir de textos literários que trazem de uma forma ou de outra a natureza como tema, personagem, reflexão, e que apreende a tradução da relação entre a natureza e a literatura em diversos

contextos culturais, examinando em que medida a ficção e/ou a poesia deram um lugar essencial à natureza e às relações antrópicas com o meio ambiente.

Publicações recentes no Brasil

Em 2022, já chamando os especialistas interessados para uma publicação em 2023, a revista *Aletria*² da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) se dedica à temática da «Literatura, Artes e mídias: Ecocrítica intermediária». Os organizadores do número, as professoras Solange Ribeiro de Oliveira e Thaís Flores Nogueira Diniz, ambas da UFMG, junto com o professor Jørgen Bruhn da Linnaeus University na Suécia, almejam receber artigos tendo como objeto de estudo produções literárias e artísticas no Brasil e no exterior que convidem a análise à luz dos procedimentos originários tanto nas Humanidades e na Ecocrítica ambientais quanto nos estudos da intermedialidade.

A outra revista que fez uma chamada nesse sentido para publicação em 2023 no Brasil é a revista *Gragoatá*.³ As organizadoras, as professoras doutoras Susana L.M. Antunes, da Universidade de Wisconsin-Milwaukee (EUA), e Ida Alves, da Universidade Federal Fluminense (Rio de Janeiro, Brasil), aceitam artigos que versam sobre «Literatura, natureza e compromisso ético: olhares ecocríticos», dando à literatura um lugar central e ético no ‘cruzamento de saberes’.

Publicações envolvendo questões de antropia vão assim, muito provavelmente, se multiplicar nos próximos meses ao que parece. É o caso, por exemplo, dos relatos de viagem que fornecem informações valiosas para a história das relações no âmbito internacional, a história social e política das regiões atravessadas pelos viajantes, e até mesmo para a história das culturas materiais e imateriais.

4 Necessidade de divulgação dos relatos de viagem invisibilizados no Brasil

Para os historiadores, os relatos de viagem são fontes documentais. Para os estudiosos em literatura, os relatos de viagem pertencem à literatura de viagem. Com essa particularidade, o relato de viagem pode ser considerado como um gênero híbrido. Deixados de lado durante muito tempo por serem considerados da área da literatura ou da história cultural, os egodocumentos são mais explorados pelos

² <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/index>. Acesso: 22 fevereiro 2023.

³ <https://periodicos.uff.br/gragoata>. Acesso: 22 fevereiro 2023.

microhistoriadores. Segundo Baggerman e Dekker (2018, 90-1), nos egodocumentos podem ser incluídos autobiografias, diários, memórias, enfim, qualquer texto escrito onde é revelado o ser humano. No meu ver, o relato de viagem é um egodocumento, assim como autobiografias, memoriais, diários ou correspondência:

The beginning of the modern era and the discovery of the New World with its concomitant travelogues and letters of seafarers, explorers, missionaries and adventurers produces ego-documents whose function is to authenticate fabulous eye-witness accounts. (Wagner-Egelhaaf 2019, 677)

(O início da era moderna e a descoberta do Novo Mundo, juntamente com os diários de viagem e cartas de marinheiros, exploradores, missionários e aventureiros, produziram egodocumentos cuja função era autenticar os fabulosos testemunhos.)

Considerando o egodocumento como qualquer texto em que a vida pessoal e as experiências do autor desempenhem um papel importante e central, posso afirmar que os relatos de viagem são egodocumentos. São textos subjetivos, dominados pelo olhar de quem vivenciou a experiência da viagem. No Brasil, houve muitos viajantes estrangeiros que contaram/escreverem sobre suas experiências de viagem na Amazônia. Muitos relatos de viagem ficaram invisibilizados pela história literária brasileira, talvez por não ter traduções em português ou em outra língua, mas, principalmente, porque não houve interesse político em divulgar a região amazônica durante o Brasil colonial.

Excluídos da literatura nacional que privilegiam as zonas literárias institucionalizadas como sendo a (única) construção elementar das configurações supranacionais, os relatos de viagem traduzidos em português sobre a Amazônia podem redimensionar o cânone das obras literárias brasileiras e da história da literatura brasileira.

4.1 Gemma Ferruggia, uma italiana na Amazônia no início do século XX

No número especial de *Cadernos de Tradução* sobre a tradução de relatos de viagem da Amazônia - que teve continuidade em 2022 e 2023 com o «Traduzindo a Amazônia II e III», com textos e tradutores diferentes-, os textos foram escritos em alemão, espanhol, francês, neerlandês, inglês e italiano entre o início do século XIX e o início do século XX. Em todos os textos, nota-se que os viajantes estavam deslumbrados, fascinados pela natureza tropical. A presença de mulheres no espaço da viagem e da sua escrita foi no geral bastante rara. As mulheres que se destacaram como viajantes-escritoras foram as

que predispunham de certo grau de instrução e de uma posição social que lhes possibilitaram participar de viagens.

É o caso, por exemplo, de duas mulheres, Gemma Ferruggia e Alexandrine Langlet-Dufresnoy.

Gemma Ferruggia, romancista, jornalista, conferencista, dramaturga e ensaísta, esteve no Brasil em dois momentos: em 1898 e em 1921, sempre com seu marido, e que, a respeito da primeira viagem, escreveu o relato *Nostra Signora del mar dolce. Missioni e paesaggi dell'Amazzonia* (Nossa Senhora do Mar Doce. Missões e paisagens da Amazônia), publicado em Milão em 1902, no qual relata, analisa e (re)cria suas impressões das experiências vividas. A tradutora e professora da Universidade Federal de Santa Catarina, Karine Simoni, traduziu o capítulo VI do relato, intitulado «Madonna Fantasia» (Nossa Senhora da Fantasia), que trata dos rituais e festas religiosas do catolicismo, bem como aborda lendas e mitos das cosmogonias indígena e africana. Descreve festas e rituais como os do *dabucuri*, do *sairé*, do *lundú*, da máscara de *Jurupari*, festividades em homenagem a São Bento, Nossa Senhora e Santo Antônio, dentre outros; evidencia a lenda de *Jurupari* e da *Cobra Grande*, e dá ênfase à procissão do Círio de Belém, sempre destacando o sincretismo religioso e recorrendo, de modo explícito, à autoridades que já haviam escrito sobre o assunto. Isso leva a crer, mais uma vez, que seus relatos são o resultado não só das observações de viagem, como também de fontes bibliográficas e leituras que realizou.

Outro aspecto importante também presente neste capítulo traduzido é a forma como Ferruggia considera a composição do povo brasileiro e, de modo especial, das mulheres em seu papel social. A mulher é descrita primeiramente por sua condição étnica e hierarquizada:

Os diversos tipos femininos do lugar aparecem, nesta ocasião [a procissão do Círio], como marcados por sua beleza particular: a sedutora mulata, a preguiçosíssima negra, a interessante índia, a brasileira pequena e doce. (Simoni 2021, 215-16)

A mulher, de fato, é apresentada (e admirada) como resignada e subserviente ao marido, dentro do espaço doméstico, como no caso de sua hospedeira Castorina,

uma mulher que personificava as melhores qualidades do seu país, de uma afetividade profunda, generosidade instintiva [...] falava pouco, sorria sutilmente, e enquanto os lábios se fechavam um pouco, os olhos se ofuscavam de tristeza. (102)

Ainda segundo a tradutora, as mulheres negras, por sua vez, são vistas ora como substitutas das ciganas curandeiras e adivinhas, incapazes de saírem do estado de inércia e preguiça, enquanto à mulata,

já detentora do ‘sangue branco’ nas veias, símbolo da mistura das raças, caberia a tarefa de criar uma nova raça:

Felizmente, o negro não tem nada mais contra ele a não ser alguns preconceitos, pelos quais vive um pouco à margem, mas estamos longe dos tempos em que o Papa foi obrigado a publicar uma bula especial para declarar válido, e não pecaminoso, o casamento de um branco com uma negra, e vice-versa. [...] A mulata, fruto do *droit du seigneur*, passou a ser admirada e amada, produzindo aquela mistura de sangue que daria origem a uma nova raça. (181)

4.2 Alexandrine Langlet-Dufresnoy, a primeira mulher a ter descido o Rio Arinos no início do século XVIII

Se o espírito crítico perpassa a escrita de Gemma Ferruggia, é mais a linguagem cotidiana de um diário íntimo que Alexandrine Langlet-Dufresnoy oferece ao leitor. A obra de Alexandrine Langlet-Dufresnoy é importante porque ela foi a primeira mulher a ter descido o Rio Arinos na primeira metade do século XVIII (Potelet 1993, 49; Broc 1999, 187). O contexto histórico pode explicar, em parte, a vinda da viajante junto ao seu marido para o Brasil. Alexandrine Langlet se casou em 1836, com dezesseis anos, com Alexandre Dufresnoy, oficial de justiça, conforme o que ela afirma na primeira sentença no seu livro *Quinze anos no Brasil ou excursões em Diamantino*. O casal embarcou na cidade de Le Havre, na França, em 6 de julho de 1837 no navio *Achille*, como o escreve no seu primeiro capítulo, e chegam no Rio de Janeiro, quarenta e nove dias depois, no dia 25 de agosto de 1837. Na única biografia de Alexandrine Langlet-Dufresnoy, escrita por Gilbert Siou (2017, 77-90), encontrei dados da origem de Alexandrine Langlet-Dufresnoy na Nova Aquitânia, região de Bordeaux, na França. Siou descreve a autora como uma viajante-aventureira que seguiu o marido até o Brasil a procura de ouro, diamantes e outras pedras preciosas ou semipreciosas. É uma informação importante, pois Alexandrine Langlet-Dufresnoy não é especialista em botânica, etnografia, geologia etc., e isso o leitor o sente na tradução, por exemplo, dos topônimos e antropônimos. A autora afrancesou quase todos os nomes próprios, antropônimos e topônimos no seu texto. Situar sua narrativa no tempo e no espaço parece indispensável para tentar descobrir o percurso que a autora seguiu na Floresta Amazônica e localizar saltos, cachoeiras, rios e cidades que atravessou.

O papel de um(a) tradutor(a) é, primeiramente, o de ter uma certa ética com a tradução, o texto traduzido devendo ‘reproduzir’ ambiente, estilo, sentidos, poeticidade e dramaticidade em relação ao texto

de partida. O diário de viagem de Alexandrine Langlet-Dufresnoy foi escrito como um diário, ou seja, para ser supostamente lido somente pela própria autora, sem grande eloquência nem cuidados estilísticos ou literários. Ela vai naturalizando o que vê ao tentar descrever, por exemplo, uma anta, como uma «espécie de bezerro com tromba como a do elefante» (Langlet-Dufresnoy 2021, 185).

Para Antoine Berman, a ética da tradução parte do texto 'original', o texto primeiro, em direção ao texto traduzido. Ser ético para o tradutor é ser ético para com a cultura de origem e, ao mesmo tempo, para com a cultura de chegada. Daí o meu questionamento sobre como seria ser ético com o leitor. O leitor do texto traduzido, no nosso caso, o texto em português traduzido a partir de um texto escrito em francês cujas referências toponímicas não correspondem com lugares conhecidos, ou cuja existência não conseguem ser comprovada, merece uma atenção especial e ética por parte do tradutor. É pensando no leitor brasileiro que tomei algumas decisões que considero 'éticas' no presente contexto. Decisões que, de repente, não tomaria na tradução de outro texto.

A questão da tradução de topônimos pode ser mais complexa do que parece. No texto em francês, a autora usa alguns topônimos para localizar sua viagem. No entanto, o nome que ela atribui às cachoeiras, rios e saltos são nomes afrancesados e transcritos a partir do que ela ouvia e entendia.

A dificuldade para o (a) tradutor(a) é tentar descobrir a que corresponderia na cultura de partida um nome próprio pertencente à fauna, flora ou outra localidade transcrito, isto é, adaptado foneticamente na língua de chegada ou transliterando uma parte do 'original'. Essa retroconversão (ou seja, a reconstrução do texto original, uma conversão retrospectiva) dos topônimos do francês para o português nos levaram a pesquisar sobre cada um, tomando a decisão, às vezes da não-tradução dos termos afim de manter uma certa 'ética' não somente com o texto de partida, mas principalmente com o leitor brasileiro.

Eu fui a tradutora deste texto de Alexandrine Langlet-Dufresnoy no qual consegui identificar e localizar muitos topônimos, a partir de mapas hidrográficos encontrados da Biblioteca Nacional e dos Arquivos do Estados do Mato Grosso e do Pará, como 'Arinnes' para 'Arinos', 'Seira', para 'Serra', 'bourachandes' para 'borrachudos', 'Mareigne-en-grand' para 'Grande Maranhão', 'Mareigne-en-petit' para 'Pequeno Maranhão', a cachoeira de 'Saint Simon' para 'São Simão', situada no Rio Juruena. A partir da biografia de Siou, consegui decifrar que 'Saint-Allin' corresponde 'foneticamente' a Santarém. Quanto à cidade de 'Marseillo', o contexto da viagem de volta para Bordeaux, na França, que para Marselha, indica que esta é a cidade mencionada pela autora. Outros topônimos não foram localizados por não reconhecer os locais na retroconversão do francês para

o português como ‘Petra’ (cidade? porto? rio?), a cachoeira de ‘Loupouny’, o ‘Tetentin’ (Tocantins?), ‘Taillidoules’ (cidade?), ‘La Prohibe’ (será a ‘Proibida’? Aldeia, vilarejo?), ‘La Brèche’ (porto?). Nestes casos, optei por não traduzir estes topônimos.

A questão da intraduzibilidade poderia ter tomado conta da minha concepção de tradução, já que não consegui desvendar os referentes de alguns topônimos ou outros nomes próprios brasileiros na passagem para a cultura brasileira, que ironicamente deveria ser a origem de todos eles. Com tudo, parti da premissa que qualquer texto pode ser traduzido, pois considero o texto traduzido como um outro texto, construído e constituído a partir de um texto preexistente, que lhe é, portanto, anterior, sendo o texto de partida, no nosso caso o relato de viagem de Alexandrine Langlet-Dufresnoy.

Todos os relatos de viagem traduzidos neste número de *Cadernos de Tradução* «Traduzindo a Amazônia I» são acompanhados de uma nota de tradutor. As notas dão voz, dão visibilidade ao tradutor que pode se utilizar de dois tipos de notas: as notas de tradutor (N.d.T.) e a nota do tradutor. O primeiro tipo diz respeito às notas que o tradutor faz e coloca no rodapé e chamada de N.d.T. (Nota do Tradutor). Conforme Pascale Sardin (2007, 121), a tradução demanda comentários críticos e posicionamentos, e não é surpreendente que o tradutor às vezes faça preceder o seu texto com uma longa nota liminar na qual ele explica, ou se explica, se justifica. A função da nota de tradutor ou de nota de tradução é principalmente fornecer ao leitor qualquer informação que considere útil para uma boa compreensão do texto: uma passagem difícil de restituir de forma natural sem se afastar do significado original, uma diferença no contexto cultural do texto fonte, etc. Essa nota do tradutor ou da tradutora tem uma função de prefácio de tradutor e segue uma estrutura moldada conforme os projetos de tradução dos tradutores. Mas, no geral, a maioria das notas de tradutores comportam: um histórico e crítica das outras traduções, questões de intraduzibilidade e negociação com o texto, processo e escolhas do tradutor, além, claro, de apresentar o autor e sua obra.

5 Algumas considerações

A tradução dos relatos de viagem permite o olhar crítico do pesquisador pelo viés de uma abordagem teórica contemporânea e inovadora nos Estudos da Tradução, particularmente, da tradução literária, a ecotradução. As vozes da flora e da fauna, dos elementos e dos diferentes ecossistemas que ainda não foram suficientemente ouvidas ou estudadas nesta área de pesquisa estão pouco a pouco se difundindo a nível mundial, a começar pelas várias dimensões da ética do traduzir que dependem dos tradutores e que revelem ser

ferramentas valiosas no estudo da relação homem/natureza. Como aponta Michael Cronin,

the challenge now is to bring translation to the heart of the dialogue about the future of our shared planet. (Cronin 2017, 7)

(o desafio agora é trazer a tradução para o coração do diálogo sobre o futuro do nosso planeta compartilhado.)

Um possível primeiro esboço da teoria da ecotradução poderia levar a estudar a forma como os tradutores traduzem a natureza, os reinos animal, vegetal e mineral, presentes nas obras; descrever o mundo natural afim de examinar as funções e os efeitos das estratégias retóricas e as figuras de linguagem que os autores, e *a fortiori*, que os tradutores utilizam; tomar consciência do valor da natureza; analisar as relações da natureza e do homem na literatura traduzida, pesquisar e analisar os primórdios da internacionalização da literatura brasileira, ou seja, a partir das traduções de obras do século XIX-início do século XX. Daí a importância da elaboração de pressupostos que conceitualizem a ecotradução - pressuposto que a ecologia natural e os processos de tradução compartilham em uma série de características constitutivas - como teoria da tradução e da ética do traduzir a fim de examinar e refletir sobre a maneira de traduzir os relatos de viagem e o impacto destes sobre a história da mentalidade humana e sua percepção da natureza.

Bibliografia

- Abralic – Associação Brasileira de Literatura Comparada. <https://www.abralic.org.br/>.
- Baggerman, A.; Dekker, R. (2018). «Jacques Presser, Egodocuments and the Personal Turn in Historiography». *The European Journal of Life Writing*, 7. https://www.researchgate.net/publication/328742267_Jacques_Presser_Egodocuments_and_the_Personal_Turn_in_Historiography.
- Bassnett, S., Lefevere (1990). *A Translation, History and Culture*. London: Printer Publishers.
- Bassnett, S.; Johnston, D. (eds) (2019). «The Outward Turn in Translation Studies». *The Translator*, 25(3), 181-8. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13556509.2019.1701228>.
- Blanc, C. (2019). *Histoire naturelle de la traduction*. Paris: Les Belles Lettres.
- Blanc, N.; Chartier, D.; Pughe, T. (2008). «Littérature et écologie: vers une éco-poétique». *Écologie & politique*, 36, 15-28. <https://www.cairn.info/revue-ecologie-et-politique1-2008-2-page-15.htm>. Acesso 14/06/2023.
- Bora, Z.M.; Braga, E.F. (eds) (2017). *Anais do III Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica: Diálogos ecocêntricos: arte, cultura e justiça*. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura.
- Bora, Z.M. (2021). «Uma sociedade em desarmonia e a ecocrítica; entrevista com Zélia Bora». *Jornal Amazônia Latitude*. <https://amazonialatitude.com/2021/04/20/somos-produtos-de-uma-sociedade-em-desarmonia-com-o-ambiente-diz-zelia-bora/>.
- Broc, N. (1999). *Dictionnaire illustré des explorateurs et grand voyageurs français du XIX siècle*. Vol. 3, *Amérique*. Paris: Ed. CTHS.
- Buekens, S. (2019). «L'éco-poétique: une nouvelle approche de la littérature française». *Revista Etudes de la littérature Française des XXe et XXIe siècles*, 8. <https://journals.openedition.org/elife/1299>.
- Buell, L. (1995). *The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing, and the Formation of American Culture*. Cambridge: Harvard University Press.
- Byrnes, A. (2021). «The Scientific Traveller». Pettinger, A.; Youngs, T. (eds), *The Routledge Research Companion to Travel Writing*. London: Taylor and Francis.
- Ceia, C. (2018). *E-Dicionário de Termos Literários*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/ecocritica/>.
- Chelebourg, C. (2012). *Les Ecofiction. Mythologies de la fin du monde*. Bruxelles: Les Impressions Nouvelles.
- Chesterman, A. (2018). «Moving Conceptual Boundaries: So What?». Dam, H.V.; Brøgger, M.N.; Zethsen, K.K. (eds), *Moving Boundaries in Translation Studies*. London: Routledge, 12-25. <https://helda.helsinki.fi/bitstream/handle/10138/312683/2018c.Boundaries.pdf?sequence=1>.
- Constantinescu, M. (2020). «Écologie et traduction, écologie de la traduction». *Atelier de Traduction*, 33-4.
- Constantinescu, M. (2021). «La littérature verte pour la jeunesse au prisme de la traduction». *Atelier de Traduction*, 35-6.
- Cronin, M. (2017). *Eco-Translation: Translation and Ecology in the Age of the Anthropocene*. London: Routledge.

- Cronin, M. (2021). « Translation and Climate Change». Bielsa, E.; Dionysios, K. (eds), *The Routledge Handbook of Translation and Globalization*. Abington: Routledge, 85-99.
- Even-Zohar, I. (1978). «The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem». Holmes, J.S.; Lambert, J.; Van Den Broeck, R. (eds), *Literature and Translation*. Leuven: Acco.
- Gengshen, H. (2003). «Translation as Adaptation and Selection, Perspectives». *Studies in Translatology*, 11(4), 284-91.
- Gengshen, H. (2020). *Eco-Translatology. Towards an Eco-paradigm of Translation Studies*. Singapore: Springer.
- González, E.P. (2021). «Apresentação». *Revista Alea*, 23(1). Dossiê «Habitar a Terra». <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/issue/view/1871>.
- Grupo de Estudos Ecocríticos (GEco) (2018). <https://www.grupoecocritico.com.br>.
- Guerini, A.; Torres, M.H.C.; Fernandes, J.G. (eds) (2021). *Cadernos de Tradução* «Traduzindo a Amazônia 1», 41. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/3201>.
- Holmes, J. [1972] (2000). «The Name and Nature of Translation Studies». Venuti, L. (ed.). *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge.
- Lambert, J. [1985] (2011). «A Tradução». Trad. M.H. Torres, Á. Faleiros. Guerini, A.; Torres, M.H.; Costa, W. (eds), *Literatura & Tradução, Textos selecionados de José Lambert*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Langlet-Dufresnoy, A. (2021). «Quinze ans au Brésil ou excursions à la Diamantine». Trad. M.H. Torres. *Cadernos de Tradução*, 41(1), 185-212. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/84953/47769>.
- magagnin, P. (2020). «L'éco-traductologie chinoise: un engagement problématique». Muguraş, C.; Regattin, F. (eds), *Écologie et traduction, écologie de la traduction. Atelier de Traduction*, 33-4.
- Pedrosa, C.; Leone, L.; Dias, C. (eds) (2021). *Alea*. «Habitar a terra: poesia e latino-americanidade», 23(1). <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea>.
- Pinto, F., Magalhães, H. (2013). «Contribuição da ecocrítica ao ensino de literatura». *Revista Litterata, Universidade Santa Cruz (BA)*, 3(1). <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb356843921>.
- Potelet, J. (1993). *Le Brésil vu par les voyageurs français, 1816-1840*. Paris: L'Harmattan.
- Purvin, G.J. (2020). «Ecoliteratura Brasileira no Século XIX?». *Revista pub Diálogos Interdisciplinares*. <https://www.revista-pub.org/post/02102020>. Acesso 21/06/2023.
- Regattin, F. (2018). *Traduction et évolution culturelle*. Paris: L'Harmattan.
- Rueckert, W. (1978). «Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism». *Iowa Review*, 9(1), 71-86.
- Sardin, P. (2007). «De la note du traducteur comme commentaire: entre texte, paratexte et pretexte». *Revista Palimpsestes*, 20. <https://journals.openedition.org/palimpsestes/99#bodyftn2>.
- Simoni, K. (2021). «Tudo arde, tudo queima: o sincretismo de Gemma Ferruggia entre a viagem real e a viagem literária». Guerini, A.; Torres, M.H.; Fernandes, J.G. (eds), *Cadernos de Tradução* «Traduzindo a Amazônia 1», 41. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/84956>.
- Siou, G. (2017). *Les Célestes, histoires de femmes*. Paris: Ed. Du Désir.

- Torres, M.H. (2015). « A virada institucional nos Estudos da Tradução no Brasil ». Sousa, G.H.P. (ed.), *História da tradução: ensaios de teoria, crítica e tradução literária*, vol. 1. Campinas, SP: Pontes, 111-22.
- Torres, M.H. (2021). «A problemática da retroconversão». Guerini, A.; Torres, M.H.; Fernandes, J.G. (eds), *Cadernos de Tradução* «Traduzindo a Amazônia 1», 41. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/84952/47768>.
- Toury, G. (2012). *Descriptive Translation Studies – and Beyond*. Amsterdam: Benjamins.
- Toury, G. (1980). *In Search of a Theory of Translation*. Tel Aviv: Porter Institute.
- Vihelmaa, E. (2009). «L'éthique du traducteur à l'épreuve de l'écologie». *Méta*, 54(4), 857-70.
- Vihelmaa, E. (2015). «Kuusi merkitystä. Mistä lajienvälisessä kääntämisessä on kyse? (Seis assuntos. Do que se trata a tradução interespecies?)». *Trace: Finnish Journal for Human-Animal Studies*, 1. <https://trace.journal.fi/article/view/48383>.
- Vihelmaa, E. (2021). *Vähän enemmän vähemmän – Löytöretkiä kestävämpään elämään* (Um pouco mais, um pouco menos – Descobertas para uma vida mais sustentável). Helsinki: Kirjapaja.
- Wagner-Egelhaaf, M. (ed.) (2019). *Handbook of Autobiography/Autofiction*. Vol. 1, *Theory and Concepts*. Boston; Berlin: De Gruyter.

